

Recursos interpessoais na construção de papéis gramaticais

Sara Regina Scotta Cabral

RESUMO

A gramática sistêmico-funcional de Halliday (1994), ao trabalhar com a função interpessoal, proporciona ao pesquisador ferramentas que lhe possibilitem verificar como as *personas* textuais são construídas. Nessa perspectiva, o presente artigo tem por objetivo analisar um texto publicado por Eliane Cantanhêde na *Folha de São Paulo*, em 08 de janeiro de 2003. Os textos foram decompostos em parágrafos, sentenças e orações, as quais foram distribuídas nos elementos Modo e Resíduo. Foram observados os papéis gramaticais, o modo verbal e o MODO da sentença (HALLIDAY, 1994). Os resultados apontam para a construção de um autor que dá opinião a uma audiência, através de proposições e modalizações. Utiliza orações declarativas de polaridade positiva e Adjuntos Modais, especialmente de temporalidade e de intensidade. Ao mesmo tempo é assertivo e irônico. O leitor cumpre o papel de quem lê a informação/opinião e posteriormente participa ou mesmo rejeita a tese defendida pela autora.

Palavras-chave: Gramática sistêmico-funcional. Função interpessoal. Papel gramatical. Modo. Resíduo. Modalidade.

Interpersonal resources in the construction of grammatical roles

ABSTRACT

The Systemic-Functional grammar (HALLIDAY, 1994), working with the interpersonal function, gives the researcher tools for verifying how textual *personae* are constructed. Thus, this article aims to analyze Eliane Cantanhêde's text published in *Folha de São Paulo* on January 8, 2003. The text was divided in paragraphs, sentences and clauses, which were distributed in Mood and Residue. Grammatical roles, verbal mood and MOOD in sentences were observed (HALLIDAY, 1994). The findings indicate the construction of a writer who gives opinions to readers, using propositions and modalizations. She also uses positive polarity statements and Modal Adjuncts, especially time and intensity. The reader plays the role of the one who reads the information/opinion and later accepts or even refuses the author's thesis.

Keywords: Systemic-Functional grammar. Interpersonal function. Grammatical role. Mood. Residue. Modality.

INTRODUÇÃO

O conceito bakhtiniano de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2000), vistos como 'tipos relativamente estáveis de enunciados', ampliaram-se, modernamente, nos

Sara Regina Scotta Cabral é Mestre e doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Professora do curso de Letras da ULBRA Cachoeira do Sul. E-mail: sarascotta@yahoo.com.br

Endereço para correspondência: Rua Duque de Caxias, 1145 – 96.501-301 Cachoeira do Sul/RS. Fone: (51) 3722.1524.

Textura	Canoas	n.16	p.69-82	jul./dez. 2007
---------	--------	------	---------	----------------

estudos de gêneros textuais (MILLER, 1984; SWALES, 1990; MEURER, 2000; MEURER; MOTTA-ROTH, 2002; DIONÍSIO, MACHADO; BEZERRA, 2002; MEURER, BONINI, MOTTA-ROTH, 2005). Vistos como “classes de eventos comunicativos que envolvem membros que têm os mesmos propósitos” (SWALES, 1990, p.58) ou como “processos e ações sociais específicos e, portanto, práticas sociais específicas” (MEURER, 2000, p.151), os gêneros são, acima de tudo, mais que simples substância ou forma de discurso (MILLER, 1984, p.151-167). É a ação social que eles constituem que deve ser observada. Interessa examinar a “conexão entre gênero e situação recorrente e o modo pelo qual pode ser expresso para representar uma situação retórica tipificada” (MILLER, 1984, p.151).

Dentre os vários gêneros midiáticos, encontra-se a coluna, “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum” (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p.102). Já a coluna de opinião é definida por Rystrom (1993, p.241) como ‘artigo interpretativo ou analítico que pode revelar o ponto de vista do escritor, embora seu primeiro propósito seja dar aos leitores informações e previsões, e talvez levantar questões’. Para o mesmo autor, esses artigos classificam-se em escritos que expressam desde a opinião pessoal até a discordância em relação a editoriais de jornais.

Os jornais brasileiros contam com articulistas políticos importantes: Dora Kramer (*Jornal do Brasil*), Suely Caldas (*O Estado de São Paulo*), Eliane Cantanhêde, (*Folha de São Paulo*), Teresa Cruvinel (*O Globo*), Antônio Machado (*Correio Braziliense*) e Rosane de Oliveira (*Zero Hora*).

Uma vez que os enunciados carregam em si as características dos participantes e dos objetivos comunicativos do emissor (BAKHTIN, 2000), a análise da função interpessoal pode contribuir para revelar o papel exercido pelo autor e construído para o interlocutor. Atribuir função interpessoal à fala ou à escrita é dar-se conta do ‘fazer com a linguagem’, ou seja, do papel que as palavras exercem em um evento comunicativo. A linguagem, nesta perspectiva, é vista como ação, em que os sentidos promovem a interação social e os papéis dos falantes são determinados por condições particulares, sejam elas sociais, econômicas, profissionais ou outras.

O objetivo deste artigo é analisar, sob o ponto de vista da gramática sistêmico-funcional, os papéis gramaticais exercidos pelos participantes em um texto de opinião política, escrito por Eliane Cantanhêde em janeiro de 2003. O foco da análise incidirá sobre as marcas lingüísticas que contribuem para a construção do MODO da oração. O texto foi decomposto em parágrafos, sentenças e orações, que foram desmembradas em Modo e Resíduo. Foram observados os tipos e valores de modalidade (HALLIDAY, 1994), a polaridade, os Adjuntos Modais e os papéis gramaticais exercidos pela colunista e pelo interlocutor.

Inicialmente apresentar-se-ão as orientações de Halliday (1994) em relação à função interpessoal, seguidas da abordagem de Thompson e Thetela (1995) sobre

papéis desempenhados e papéis projetados. Logo após serão trabalhados os elementos lexicogramaticais que sinalizam o sistema de MODO e, por fim, será apresentada a análise e os resultados.

A FUNÇÃO INTERPESSOAL

O sistema de Modo

Segundo Halliday, o homem constrói a realidade através de processos semióticos diversos, dos quais o principal é a linguagem. Assim, linguagem, para este autor (1989, p.v), é um aspecto e um recurso de fundamental importância na construção da experiência humana. Função, para Halliday (1989, p.17), é sinônimo de uso, mas, acima de tudo, é a propriedade fundamental da linguagem. Nessa perspectiva, considera três as funções da linguagem: ideacional ou de representação; interpessoal ou de troca e textual ou de mensagem.

Cada uma das três variáveis (campo, relação e modo) constitui a configuração contextual (HASAN, 1989, p.55-59). O campo está diretamente vinculado à função ideacional, ou seja, a conhecimentos e crenças que fazem parte da experiência humana; a relação é responsável pela função interpessoal, que demonstra a interação entre os participantes no ato comunicativo, e o modo evidencia a função textual, que é identificada através do canal de comunicação, da coesão e da coerência textuais.

“O sistema de MODO pertence à função interpessoal da linguagem e é o recurso gramatical para se realizar movimentos interativos no diálogo” (MARTIN; MATHIESSEN; PAINTER, 1997). Na interação, o falante exerce papéis que são mediados através da linguagem. Halliday (1994) usa para esses casos o termo *commodity*, a fim de designar o que está sendo tratado entre emissor/receptor. Enquanto bens e serviços possam existir independentemente da linguagem, dar ou pedir informações só pode ser realizado através de trocas simbólicas.

A fim de que se compreenda semanticamente a negociação através da linguagem, Halliday (1994) sugere que sejam analisados dois pontos: (i) o papel exercido pelos actantes envolvidos no processo, e (ii) a natureza da troca (*commodity*) que está sendo feita (informações, bens ou serviços). Esses dois elementos podem derivar quatro categorias funcionais de linguagem: declaração, pergunta, oferta e comando.

Para o autor, pode-se dar e/ou solicitar informação e/ou bens e serviços. Quando se dá informação, faz-se uma declaração e quando se dá um bem e serviço, faz-se uma oferta. Por outro lado, quando se solicita uma informação, faz-se uma pergunta e quando são solicitados bens e serviços, faz-se um comando. Ao mesmo tempo, Halliday propõe que as trocas entre os interlocutores, quando constituem informações, sejam denominadas ‘proposições’ e, quando constituem bens e serviços, sejam chamadas ‘propostas’. O Quadro 1 ilustra o que foi exposto.

mercadoria papel na troca	informação	bens e serviços
dar	declaração	oferta
solicitar	pergunta	comando
	proposição	proposta

QUADRO 1 – Papéis e funções da fala.
Fonte: Halliday (1994).

Cada uma das funções arroladas no Quadro 1, quando ativadas pelo locutor, pode ser considerada ou não pelo interlocutor. Por parte do primeiro, há uma expectativa de retorno comunicativo, que pode ou não acontecer. As declarações pressupõem reconhecimento, as perguntas aguardam respostas, as ofertas esperam aceitações e os comandos aguardam empreendimento por parte do interlocutor. Entretanto, sabe-se que nem sempre as expectativas do locutor confirmam-se. Pode-se ter, alternativamente para cada uma das situações, contradição, desconsideração, rejeição ou recusa. O Quadro 2 resume o que foi exposto.

Função	Resposta esperada	Resposta alternativa
declaração	reconhecimento	contradição
pergunta	resposta	desconsideração
oferta	aceitação	rejeição
comando	empreendimento	recusa

QUADRO 2 – Funções de fala e possíveis respostas.
Fonte: Halliday (1994).

Thompson e Thetela (1995) distinguem, na função interpessoal, outras duas funções: a função interacional e a função pessoal. A função interacional, por sua vez, subdivide-se em outras duas, referentes aos papéis exercidos pelos participantes do evento comunicativo: os papéis desempenhados e os papéis projetados, apresentados direta ou indiretamente pelo autor, através do modo verbal ou da nomeação/atribuição. Já a função pessoal, expressa pela modalidade do enunciado e por lexemas ou sintagmas avaliativos, dá conta da responsabilidade, real ou disfarçada, do falante/escritor, que também pode se apresentar explicitamente ou não. A Figura 1 esquematiza a função interpessoal.

Para Thompson e Thetela (1995), as escolhas do falante/escritor podem reproduzir a interação autor/leitor do texto e a interação dos participantes da oração. No primeiro caso, os participantes desempenham papéis como fornecedor/solicitador de informação ou fornecedor/solicitador de bens e/ou serviços. Quando a interação se dá entre os participantes dos processos verbais presentes na oração, os autores atribuem a eles papéis que são projetados no contexto do evento comunicativo.

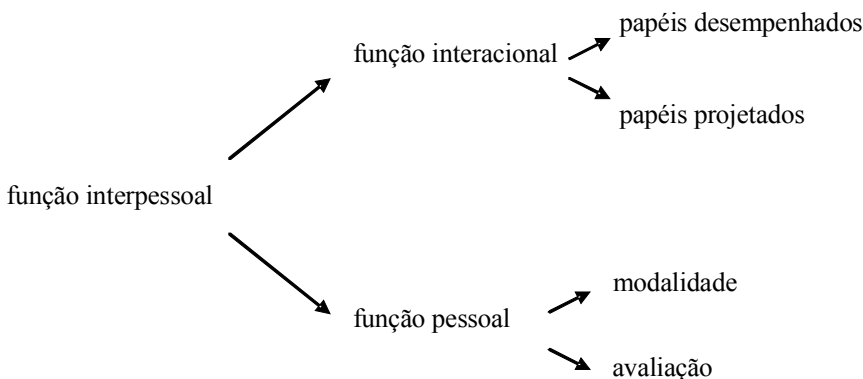


FIGURA 1 – Função interpessoal (adaptado).
 Fonte: Thompson e Thetela (1995).

Distinguir os dois tipos de papéis (desempenhados e projetados) dos participantes leva o analista a compreender não somente a escolha do conteúdo a ser abordado, mas também a gerenciar a interação através da atribuição de diferentes papéis de transitividade para si e para sua audiência. Naturalmente, o ouvinte/leitor pode rejeitar o papel que lhe é projetado, mas isso não invalida a atribuição que o falante/escritor lhe fez.

Gramaticalmente, Halliday (1994) atribui à oração, vista como troca, uma estrutura constituída por dois elementos. Primeiramente, ele identifica a organização global da oração em Modo + Resíduo. Numa segunda etapa, propõe a identificação dos elementos funcionais do Modo e dos elementos funcionais do Resíduo.

Estrutura do Modo

O elemento Modo está constituído, na oração, por Sujeito + Auxiliar (Finito + Adjuntos Modais). O Sujeito geralmente é constituído de grupos nominais, pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos e mesmo por orações inteiras, em casos de encaixamento. É o Sujeito quem carrega a responsabilidade modal da oração. Vale esclarecer que é o Sujeito gramatical que faz parte do Modo (o sujeito com o qual o verbo da oração concorda), não o textual nem o lógico.

O Finito pode estar representado, em português, por um verbo auxiliar, por verbos modalizadores e pela palavra de negação. Em inglês, para orações do tipo *John buys a car*, Halliday (1994, p.72) afirma que há uma forma verbal que “funde” Finito e Verbo (*present + to buy*). O mesmo procedimento é adotado para as formas verbais portuguesas.

O elemento Modo também manifesta, em português, recursos interpessoais de polaridade e de modalidade. A polaridade verifica-se em respostas a perguntas do tipo sim/não. Quanto à modalidade, Halliday (1994) aponta para quatro tipos: probabilidade,

usualidade, obrigação e prontidão. As duas primeiras são adequadas a proposições (declarações e perguntas), constituindo o que o autor denomina modalização; já as duas últimas, mais adequadas a propostas (ofertas e comandos), denomina-as modulação (Figura 2).

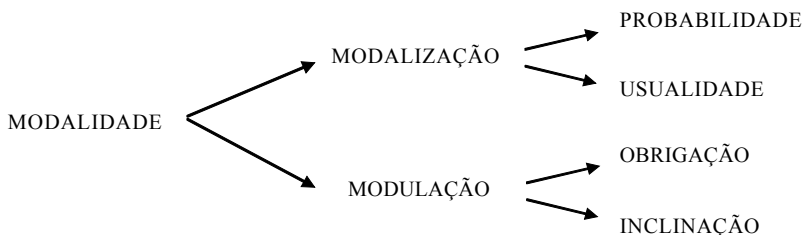


FIGURA 2 – Tipos de modalidade.
Fonte: Halliday (1994).

A modalidade pode ainda apresentar o valor do julgamento que está sendo emitido: se alto, médio ou baixo. O valor mais alto é o que se encontra mais próximo ao pólo positivo e o mais baixo é o que se encontra mais próximo ao pólo negativo. O valor é importante porque dá ao leitor a verdadeira medida das opiniões do autor. A Figura 3 apresenta a relação modalidade/polaridade e os graus do valor da modalização ou da modulação que podem ser utilizados em uma emissão de opiniões, julgamentos, valores.

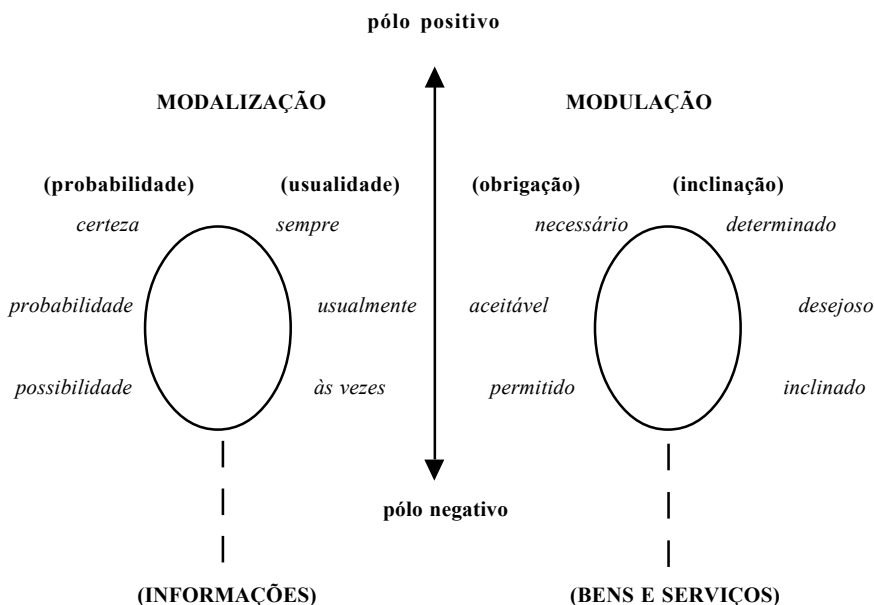


FIGURA 3 – Modalidade e polaridade.
Fonte: Halliday (1994).

A categoria dos Adjuntos Modais abrange dois tipos especiais que ocorrem no elemento Modo: os Adjuntos do grupo do (a) Modo e os do grupo do (b) Comentário (HALLIDAY, 1994). O grupo pertencente ao (a) Modo refere as noções de polaridade, modalidade, temporalidade e modo. Tende a ocorrer, na oração, ou perto do Finito ou em posição temática, embora também ocorra no final da oração. São Adjuntos de polaridade e modalidade:

- (i) polaridade: não, sim, assim;
- (ii) probabilidade: provavelmente, possivelmente, certamente, talvez;
- (iii) usualidade: usualmente, às vezes, sempre, nunca, raramente;
- (iv) prontidão: absolutamente, possivelmente, a todo custo, por todos os meios, prontamente.

São adjuntos de modo:

- (i) obviedade: naturalmente, certamente, claramente;
- (ii) intensidade: assim, simplesmente, meramente, somente, mesmo, atualmente, realmente, de fato;
- (iii) grau: quase, dificilmente, absolutamente, totalmente, completamente.

Já os Adjuntos do grupo do (b) Comentário expressam a atitude do falante diante da proposição como um todo. Ocorrem em pontos significantes da oração, geralmente no início, em posição temática, ou em fronteiras entre Tema-Rema, Resíduo-Modo. Não se exclui a possibilidade de aparecerem no final da oração; mesmo assim, não perdem o caráter opinativo que carregam em si. Podem apresentar-se semanticamente como:

- (i) opinião: na minha opinião, pessoalmente;
- (ii) admissão: francamente, para ser honesto;
- (iii) persuasão: honestamente, realmente, acredite-me;
- (iv) solicitação: por favor
- (v) presunção: evidentemente, aparentemente, sem dúvida
- (vi) desejo: infelizmente, para meu prazer;
- (vii) reserva: de primeiro, provisoriamente;
- (viii) validação: em geral, em princípio, estritamente falando;
- (ix) avaliação: erroneamente, discretamente, compreensivelmente;
- (x) predição: para minha surpresa, como esperado, repentinamente.

Estrutura do resíduo

O Resíduo é um elemento funcional que pode ser constituído de três partes: Predicador (sempre necessário, embora às vezes elíptico), Complementos e Adjuntos. A ordem típica do Resíduo é Predicador ^Complemento(s)^Adjunto(s) Circunstanciais. O Predicador consiste no verbo ou em um grupo verbal, desprovidos de auxiliares. Tem quatro funções: (i) especifica o tempo verbal fora da referência de tempo do evento comunicativo; (ii) especifica outros aspectos como semelhança, tentativa, esperança; (iii) especifica a voz, se ativa ou passiva e (iv) especifica o processo predicado do Sujeito.

Os Complementos são os elementos do Resíduo que têm, potencialmente, a possibilidade de se tornarem Sujeitos, mas não o são. São constituídos geralmente com grupos nominais que completam o sentido do verbo da oração. Já os Adjuntos são os elementos que não gozam da possibilidade de se tornarem sujeitos, uma vez que geralmente são constituídos por grupos adverbiais ou locuções preposicionais.

METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar a função interpessoal de um artigo de opinião política, foi escolhido o texto “Alegria, alegria” escrito por Eliane Cantanhêde, na *Folha de São Paulo* em 08.01.2003, cujo tema é o comentário sobre acontecimentos imediatamente posteriores à posse do presidente Lula em 01 de janeiro de 2003..

Inicialmente foi determinada a configuração contextual do texto o qual, a seguir, foi decomposto em parágrafos, sentenças e orações, distribuídas conforme os elementos Modo e Resíduo. Os parágrafos receberam numerais romanos e as sentenças numerais arábicos, o que será freqüentemente reportado, entre parênteses, nos resultados da análise da coluna. Posteriormente, analisaram-se os seguintes aspectos da função interpessoal:

- a) a função da fala e a natureza da mercadoria a ser trocada;
- b) os papéis gramaticais desempenhados pela colunista e pela audiência;
- c) os tipos de modalidade (modalização e modulação);
- d) a polaridade e os valores da modalidade;
- e) os Adjuntos Modais.

Os pressupostos teóricos utilizados para análise foram Halliday e Hasan (1989), Halliday (1994) e Thompson e Thetela (1995).

ANÁLISE

Texto

O texto intitula-se ‘Alegria, alegria’ e foi publicado no dia 08 de janeiro de 2003. Passados os primeiros momentos de festividades com a posse do novo Presidente (Luiz Inácio Lula da Silva - Lula), outros assuntos começaram a envolver o cenário político nacional.

Alegria, alegria

08/01/03

“Qual é o factóide de hoje?” A pergunta, feita por um jornalista numa manhã qualquer depois do dia 1º, mostra como está sendo o início do governo Luiz Inácio Lula da Silva: boas intenções, frases de efeito, pitadas de demagogia e manchetes, muitas manchetes.

De concreto mesmo, duas coisas importantes: na economia (Fazenda e Banco Central) nada muda por enquanto, e em todos os ministérios um discurso marcadamente social.

Todos os ministros, um por um, assumiram emprestando vontade e disposição para fazer alguma coisa no combate à miséria. Três deles, pelo menos, já estão batendo à porta dos militares para dividir tarefas nessa direção: Transportes, Saúde e Educação. Daí porque o Ministro da Defesa já vem sendo chamado de “bombril”, aquele das “mil e uma utilidades”. E que está driblando a confusão da suspensão da compra dos jatos da FAB. A milicada não gostou.

Alguns dos ministros também mergulharam naquele outro velho discurso do PT, o da moralidade. Ciro Gomes (Integração Nacional) abriu a fila ao cancelar todos os contratos, convênios, liberações da sua área, para ver onde há mutreta. Anderson Adauto (Transportes), apesar de ser do PL, já mandou cancelar licitações, obras de recuperação de estradas e nomeações anteriores da pasta. É a caça às bruxas. E às fadas, também, já que o ministro foi avisando que os justos pagarão pelos pecadores (???!!!).

Somando de tudo um pouco, temos um ministério bem escolhido no conjunto, muita alegria, pitadas de amadorismo e um bando de ministros correndo de um lado para outro para aparecer. Cada jornal sai com uma manchete diferente. Um vai de Trabalho, outro prefere Justiça, um terceiro ataca Educação. Promessas, promessas.

Nas duas últimas posses, terça-feira, 7/1, a do petista Guido Mantega no Planejamento e a do ex-banqueiro tucano Henrique Meirelles no Banco Central, uma certa discordância. Enquanto Mantega falou em reativar os tentáculos do Estado na economia, Meirelles seguiu direitinho o discurso liberal do antecessor Armínio Fraga, com muito mercado e pouco Estado. Detalhes, detalhes.

Passada a primeira semana de governo, o momento agora é de viagens. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva quer levar a ministrada toda para “conhecer” a miséria no Nordeste. Como se não houvesse miséria em toda parte, inclusive ali do lado do Palácio da Alvorada, onde agora mora. Mas vai dar manchetes e manchetes. E fotos e mais fotos.

Todas essas coisas são típicas de começo de casamento, de lua-de-mel. Tudo passa como se fosse meio engraçado, meio “um-jeito-novo-de-ser”. Mas é bom o novo governo ir se acostumando com a idéia de que a rotina não é tão romântica, há montes de iniciativas não tão simpáticas para negociar com o Congresso e a opinião pública e, passada a lua-de-mel, nada vai ser assim tão fácil nem ser digerido com tanta alegria. Governar não é produzir frases, manchetes e factóides. É, sobretudo, administrar pressões e interesses, assumir más notícias e tourear um Orçamento apertadíssimo. Mais ou menos como nos casamentos.

A hora ainda é de festa, mas depois virá a cobrança. Pode escrever aí.

Análise e comentários

P.	C.	Sujeito	Finito	Adj. Mod.	Resíduo	
		Modo				
I	1	Qual	pres. ind.	-	é o factóide de hoje?	
	2	A pergunta	pres. ind.	-	mostra	
	3	(a pergunta)	particípio	-	feita...manhã qualquer	
	4	o início do governo Luiz Inácio Lula da Silva ¹	está	-	sendo...: boas intenções, frases de efeito, pitadas de demagogia e manchetes, muitas manchetes.	
II	5	-	pres. ind.	mesmo	(há) de concreto	
	6	nada	pres. ind.	-	muda por enquanto	
	7	-	pres. ind.	-	(há) um discurso marcadamente social	
	8	Todos os ministros	pret. ind.	-	assumiram...alguma coisa	
	9	(todos os ministros)	gerúndio	-	emprestando...	
	10	Três deles	estão	pelo menos, já	batendo...	
	11	(três deles)	infinitivo	-	dividir	
	12	O ministro da Defesa	vem sendo	já	Dai ...chamado de “bombril”, aquele das “mil e uma utilidades”	
	13	(o ministro da Defesa)	está	-	driblando a confusão...	
	14	A milicada	pret. ind.	não	gostou	
	IV	15	Alguns dos ministros	pret. ind.	também	mergulharam...outro velho discurso do PT, o da moralidade
		16	Ciro Gomes (Integração Nacional)	pret. ind.	-	abriu a fila
		17	(Ciro Gomes)	infinitivo	-	cancelar...
		18	(Ciro Gomes)	infinitivo	-	ver
19		-	pres. ind.	-	há mutreta	
20		Anderson Adauto (Transportes)	pret. ind.	-	já mandou	
21		(alguém)	infinitivo	-	cancelar licitações	
22		(Anderson A.)	pres. ind.	-	ser do PL.	
23		(A caça às bruxas)	pres. ind.	-	(é)	
24		A caça às fadas	pres. ind.	também	é	
25		o ministro	foi	-	avisando	
26		os justos	futuro	-	pagarão pelos pecadores	
???!!! ²						
V	27	(-)	gerúndio	-	Somando...um pouco	
	28	(nós)	pres. ind.	-	temos...bem escolhido..., muitas pitadas de amorismo e um bando de ministros	
	29	(um bando de ministros)	gerúndio	-	correndo de um lado para outro	
	30	(um bando de ministros)	infinitivo	-	aparecer	
	31	Cada jornal	pres. ind.	-	sai com uma...	
	32	Um	pres. ind.	-	vai...	
	33	outro	pres. ind.	-	prefere	
	34	um terceiro	pres. ind.	-	ataca...	
	Promessas, promessas. ³					

¹ Os Adjuntos Conjuntivos não são contemplados neste quadro, uma vez que, para Halliday (1994), eles pertencem à função textual, e não à função interpessoal que é o foco de análise neste artigo.

² O conjunto de sinais de pontuação não constitui o Resíduo. É apenas a representação gráfica de uma manifestação de surpresa da autora.

³ As exclamações, os chamamentos e as saudações constituem o que Halliday (1994) denomina *minor clauses*, ou seja, orações menores, que não apresentam processos envolvidos na sua construção. A oração menor não possui nem Modo nem Resíduo, entretanto, para não quebrar a seqüência do texto, foi inserida no Quadro.

VI	35	A (posse) de GM e HM	(pret. ind.)	-	(houve) uma outra discordância
	36	Mantega	pret. ind.	-	falou
	37	(Mantega)	infinitivo	-	reativar os tentáculos...
	38	Meireles	pret. ind.	-	seguiu direitinho ... discurso liberal muito mercado e pouco Estado.
Detalhes, detalhes. ⁴					
VII	39	A primeira semana de governo	participio	-	passada
	40	o momento agora	pres. ind.	-	é...
	41	O presidente Luiz Inácio Lula da Silva	quer	-	levar a ministrada toda
	42	(a ministrada)	infinitivo	-	'conhecer'...
	43	(-)	subj.pret.	-	houvesse..., inclusive ali do lado.
	44	(Lula)	pres. ind.	-	mora...
	45	(isso)	vai	-	dar manchetes e manchetes.
VIII	46	(isso)	(vai)	-	(dar) fotos e mais fotos.
IX	47	Todas essas coisas	pres. ind.	-	são típicas de começo de casamento, de lua-de-mel
	48	Tudo	pres. ind.	-	passa
	49	(tudo)	subj.pret.	-	fosse meio engraçado, meio "um jeito-novo-de-ser"
	50	O novo governo ir se acostumando	pres. ind.	-	é bom
	51	o novo governo	ir	-	se acostumando
	52	a rotina	pres. ind.	não	é tão romântica
	53	(-)	pres. ind.	-	há montes de iniciativas não tão simpáticas
	54	(o governo)	infinitivo	-	negociar
	55	a lua-de-mel	participio	-	passada
	56	nada	vai	-	ser assim tão fácil
	57	(nada)	vai ser	nem	digerido com tanta alegria
	58	Governar	pres. ind.	não	é ... e factóides.
	59	(governar)	(pres. ind.)	sobretudo	administrar
	60	(governar)	(pres. ind.)	-	(é) assumir más notícias
	61	(governar)	(pres. ind.)	-	(é) tourear um Orçamento apertadíssimo
	62	(isso)	(pres. ind.)	-	(é) como nos casamentos.
X	63	A hora	pres. ind.	ainda	é de festa.
	64	a cobrança	futuro	-	virá...
	65	(Você)	pode	-	escrever aí

O texto 'Alegria, alegria' apresenta como campo, em sua configuração contextual, um comentário acerca da primeira semana do novo governo, comparando-a à primeira semana de um casamento ('Todas essas coisas são típicas de começo de casamento, de lua-de-mel', 47). A referência às primeiras atividades desengonçadas das personagens dão um certo tom de ironia a essa coluna de opinião.

⁴ Idem.

A variável modo revela que o texto foi escrito em jornal *on-line* e está construído com dez parágrafos e 65 orações. Três orações menores também fazem parte da amostra; uma delas se efetiva somente com sinais de pontuação (???!!!, entre as orações 26 e 27).

Quanto à variável relação, pode-se afirmar que fazem parte do evento comunicativo a autora, a editoria do jornal e a audiência, em posições hierarquicamente assimétricas. Os leitores não têm possibilidade de reversão simultânea, embora possam manifestar-se através de cartas do leitor, de comentários em *blogs* ou mesmo oralmente com pessoas de suas relações.

Quanto à função interpessoal também se pode afirmar que:

a) O texto tem a função de dar informações e principalmente a opinião da autora sobre a primeira semana do novo governo. Dentre as 65 orações, apenas uma apela para a solicitação de bens ou serviços (65). Note-se que a pergunta inicial do texto (1) tem a característica de pergunta retórica, feita por outro jornalista, e não constitui a solicitação ao leitor de uma resposta a Eliane Cantanhêde.

b) A autora desempenha o papel gramatical (HALLIDAY, 1994; THOMPSON E THETELA, 1995) de alguém que faz modalizações ao leitor e busca a aceitação de suas proposições. Esse leitor, que desempenha o papel de quem recebe as opiniões de Cantanhêde, poderá demonstrar reação contrária, manifestando seu desacordo com o que está exposto no artigo. Das 65 orações analisadas, somente uma apresenta modulação. Em “Pode escrever aí” (65) a linguagem é utilizada para estabelecer um comando por parte da autora.

c) Os tempos verbais empregados referem-se ao presente do indicativo, ao pretérito (do indicativo e do subjuntivo) e a alguns infinitivos. A autora faz uso da terceira pessoa, tornando seu texto impessoal. Somente na última sentença do texto usa a segunda pessoa em uma forma imperativa. No restante dos parágrafos, a interpessoalidade está implícita, através de nomeações, repetições, adjuntos e avaliativos.

d) A colunista prefere organizar seu texto num pólo positivo. Entretanto, em 4 orações utiliza a polaridade negativa (14, 52, 57, 58). Quanto aos valores de modalidade, pode-se afirmar que afirmações convivem no texto com dez orações modalizadas em pequeno grau por Adjuntos Modais (a oração 10 contém dois Adjuntos no Modo), além de um comando com um operador modal em grau médio (“Pode escrever”, 65).

d) Os Adjuntos Modais presentes no texto são: ‘mesmo’ (5, intensidade), ‘pelo menos’ (10, intensidade), ‘já’ (10, 12, 20, temporalidade), ‘não’ (14, 52, 58, polaridade), ‘nem’ (polaridade, 57), ‘sobretudo’ (59, grau), ‘ainda’ (63, temporalidade). Não há Adjuntos de Comentário propriamente ditos, mas há orações menores que exercem essa função: ‘Promessas, promessas’, ‘Detalhes, detalhes’. Eliane Cantanhêde faz uso de sinais de pontuação (“???!!!” entre a sentença 26 e a 27), que expressam seu estado de espanto e, ao mesmo tempo, de surpresa com a informação que lança no final do quarto parágrafo.

Muitos avaliativos estão lexicalizados como Qualificadores ou como Nomes, seja no Modo seja no Resíduo: ‘boas’, ‘de efeito’, ‘de demagogia’ (4), ‘bombril’ e ‘mil e uma utilidades’ (12), ‘confusão’ (13), ‘milicada’ (14), ‘outro velho’ (15), ‘mutreta’ (19), ‘caça às bruxas’ (23); ‘muitas pitadas de amorismo e um bando de ministros’ (28), ‘tentáculos’ (37), ‘ministrada’ (40), ‘típicas de começo de casamento, de lua-de-mel’ (47), ‘um-jeito-novo-de-ser’ (49), ‘romântica’ (50), ‘assim tão fácil’ (54), ‘más’ (60). Destaca-se também o uso do processo ‘tourear’ na oração 61. Implicitamente, através dos sintagmas citados, do uso de orações menores e de sinais de pontuação repetidos, a autora busca aproximar o leitor, para quem faz ‘confidências’ e com quem tem liberdade de construir ironias ao comentar sobre um certo casamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo analisar as marcas de função interpessoal presentes em um artigo de opinião política publicado na Folha de São Paulo. Os resultados mostram que a autora escreveu seu texto utilizando formas verbais no presente e no pretérito do indicativo, com quase nenhuma hipotetização. Ao mesmo tempo, Cantanhêde desempenha o papel de quem dá sua opinião para uma ampla audiência e tenta persuadi-la, mas sabe que os leitores poderão ou não partilhar das mesmas idéias.

A articulista se constrói como alguém que observa a realidade, que tem um discurso assertivo e que sabe, por experiência, que as semanas seguintes às comemorações de um casamento são de volta à realidade. Cantanhêde busca a aproximação da audiência (que trata como a uma amiga a quem faz especulações) e para isso emprega Adjuntos Modais, ironias, avaliativos, e orações menores.

A coluna de opinião política analisada, mesmo que faça uso de estratégias próximas às do gênero ‘fofoca de amigas’, apresenta modo inteligente e informal de discutir, com a nação, e especialmente com uma grande diversidade de leitores, os assuntos que envolvem a vida de todos os cidadãos. Sugere-se que, em um próximo trabalho, seja analisada a função pessoal, sob o ponto de vista da valoração (MARTIN; WHITE, 2005) assim como se faça o mesmo no texto “Fim da lua-de-mel”, escrito pela mesma autora e publicado em 15 de janeiro de 2003, uma semana depois deste artigo.

REFERÊNCIAS

- BAKHITIN, M. *Estética da criação verbal*. 13.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CANTANHÊDE, E. Alegria, alegria. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 jan. 2003. Disponível em: << <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult681u63.shtml>>. Acesso em 15 jun. 2003.
- DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 21.ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. *Language, context and text: aspects of a language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University, 1989.

HASAN, R. The structure of a text. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. *Language, context and text: aspects of a language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University, 1989, p.52-69.

MARTIN, J.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.

MARTIN, J. R.; MATHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. *Working with functional grammar*. London: Edward Arnold, 1997.

MEURER, J. L. O conhecimento dos gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORKTAMP, M. B. M.; TOMICHT, L. M. B. (org.). *Aspectos de lingüística aplicada – estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teoria, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros textuais: subsídios para o ensino da linguagem*. São Paulo: EDUSC, 2002.

MILLER, C. R. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*. n.70, p.151-167, 1984.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

RYSTROM, K. *The why, who and how of the editorial page*. 2.ed. Pennsylvania: Strata Publishing Company, 1993.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, G.; THETELA, P. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. *Text* 15/1, 103-127, 1995.